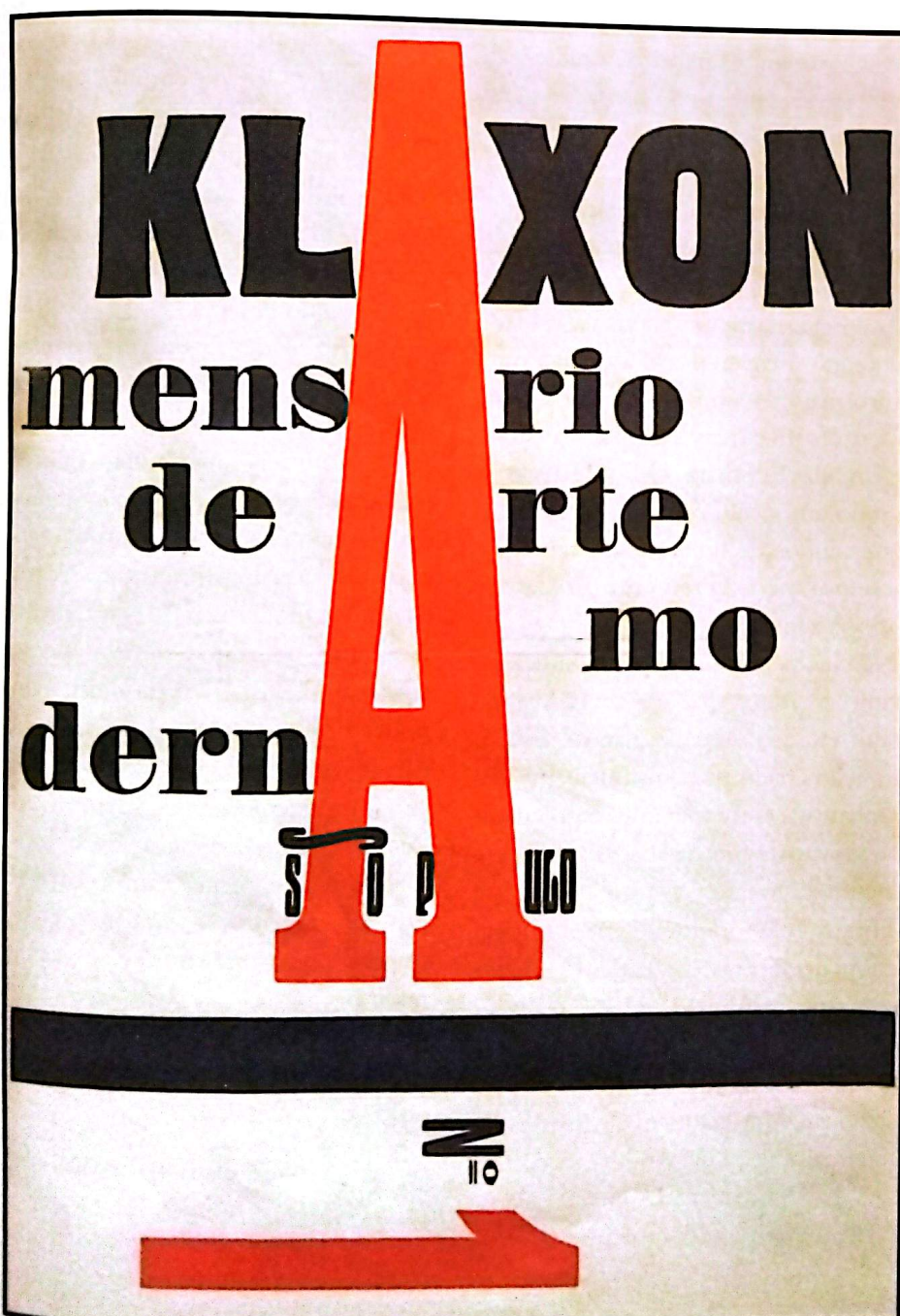


KLAXON

Uma trincheira dos modernistas

Guido Arturo Palomba



A Rede Globo de Televisão está promovendo excelente minissérie chamada *Um Só Coração*, nome extraído de uma poesia do Príncipe dos Poetas Brasileiros, Paulo Bomfim, colaborador assíduo deste *Suplemento Cultural*. Primorosa no cenário, no mobiliário, nas roupas da época, cuida de importante período da história de São Paulo, das primeiras décadas do século passado.

Entre os temas abordados um foi o do Modernismo, movimento artístico-cultural dos mais importantes do Brasil, gestado na primeira década do século XX, e nato em 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, batizado Semana de Arte Moderna. A Semana corta o cordão umbilical com o classicismo parnasiano, triunfante até então, marcando o início de uma nova era, com manifestações nas letras, nas artes plásticas, na música, refletindo o que estava acontecendo na vida das pessoas e da cidade, como, por exemplo, a vinda dos automóveis, símbolos da velocidade, com suas buzinas “localizadas na parte exterior, tinham um som todo peculiar, sinônimo de dinamismo e progresso” (Aracy Amaral). Participam deste cenário as idéias de Freud, bem divulgadas e aceitas, com Francisco Franco da Rocha e Osório Taumaturgo César (um dos maridos de Tarsila do Amaral), de saudosa memória. A psicanálise era revolucionária, qual o jazz, a prosa, a poesia, os

edifícios de cimento armado, que avançavam, juntos, em vanguarda.

Esse grande movimento teve alguns marcos, dentre eles a criação da revista *Klaxon* (do inglês, buzina para veículo), de grande importância, mas de curtíssima duração (aparece, rapidamente, na excelente minissérie da Rede Globo).

Logo após a Semana de Arte Moderna, mais precisamente, aos 15 de maio de 1922, surge o primeiro número da *Klaxon*, que se apresenta, expressamente, como “mensário de arte moderna”. Sua redação está instalada à rua Uruguai, 14, que logo em seguida mudou-se para a Rua Direita, 33, sala 5, em frente à Casa Alemã, chamado “escritorinho” por seus frequentadores, conforme Guilherme de Almeida: “Aí nos encontrávamos, imaginávamos, escrevíamos, desenhávamos, resolvíamos tudo, amistosa e alegrissimamente sempre” (*O nosso Klaxon, O Estado de S. Paulo*, 10/2/68).

Era um verdadeiro movimento que lutava por uma linha de arte e pensamento a romper com a rotina e o arcaísmo que circulavam no País. E *Klaxon* vem revolucionando desde a capa, pelo seu aspecto gráfico original, criado por Guilherme de Almeida, com um imenso A, “que eu mesmo retirei do caixotim das maiúsculas de madeira, igual àquele que estava ali, num cartaz na parede, o ‘A’ da ópera de Aída, que ia ser cantada no Municipal. E no componedor sobre esse ‘azão’, apliquei todos os dizeres da capa, até mesmo o til de São Paulo”. (Guilherme de Almeida, *O nosso Klaxon, O Estado de S. Paulo*, 10/2/68).

A capa certamente produziu sensação e estranheza, considerando as cores em que fora vazada, amarela, preta e vermelha e a disposição gráfica das palavras, com um A a cortá-las e ao mesmo tempo interligá-las, umas as outras: *Klaxon*, mensArio de Arte moderna, SÃO PAULO.

Esse desenho manteve-se sempre o mesmo, variando apenas nas cores do fundo e do A (ora verde, ora marrom, azul-marinho, lilás, vermelho e assim por diante).

A revista inova a diagramação e a ilustração, sendo a precursora dos textos de

propaganda simples e objetivos (os mais difíceis e eficientes), que hoje se praticam, recordando que a quarta capa do 1º número da *Klaxon* traz o anúncio (no tempo dos reclames) do chocolate Lacta, concebido de acordo com o espírito da revista, em tipos gráficos diferentes, dispostos com muita habilidade no espaço retangular, com apenas duas palavras: “coma” e “Lacta”, várias vezes repetidas, com tipos gráficos e tamanhos de letra diferentes.

O conteúdo da revista é sempre original, contra os preconceitos artísticos, sabe que a vida existe, que a humanidade existe, que o progresso existe, e quer representar apenas a época de 1920 em diante. Dá à mulher a importância que não lhe davam. O papel da mulher, até então, era secundário no consenso geral. Em *Klaxon* é vista de modo diverso, batendo de frente com a concepção tacanha que o meio social estabelecera.

A revista tem espírito polímorfo, inquieto, cômico, irreverente, e dá por virada a página da imbecil guerra de 1914-18, mantendo a esperança e a crença num futuro mais risonho: “Não vale a pena chorar e sofrer mais: extirpem-se então as glândulas lacrimais... depois do pranto de todo um século romântico, coroados nos espinhos de uma guerra tremenda, queremos rir e livremente rir”, disse Mario Andrade.

Não há na revista nenhuma indicação quanto a diretor, redator-chefe, diagramador etc. Na verdade, não os tem. É um órgão criado por uma intelectualidade talentosa e competente, empenhada no exercício da arte, da liberdade, do pensamento destoante.

Foram colaboradores, entre outros: Menotti del Picchia, L. Charles Baudouin, Guilherme de Almeida, Henri Mugnier, Victor Brecheret, Serge Milliet, Vin. Ragnognetti, Mario de Andrade, Roger Avermaete, May Caprice, Carlos Araujo, Rubens Moraes, Luiz Aranha, Nico Horigoutchi, Di Cavalcanti, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Antonio Ferro, Ribeiro Couto, Motta Filho, Alberto Cavalcanti, Sergio Buarque de Hollanda,

Durval Marcondes, Zina Aita, Anita Malfatti, A. C. Couto de Barros, Yan, Pedro de Almeida, Gaetano Cristaldi, Claudius Caligari, Oswald de Andrade, Joseph Billiet, John Graz, Plínio Salgado, Graça Aranha, Renato Almeida, Guilherme de Torre, Annibal Falcão. Ainda registram-se estoutros colaboradores: A.C.B., S.M., M de A., R., C.A. de A., M.A., G. de N.

Klaxon durou pouco. Foram nove números. Saíram, com regularidade, nos dias 15 dos meses de maio a novembro de 1922 (sete números).

Nos meses de dezembro de 1922 e de janeiro de 1923 teve um só e último número, ou, melhor, número duplo (8 e 9) “para pegar o atraso da revista”, que foi uma homenagem a Graça Aranha, com textos de Ronald de Carvalho: “Graça Aranha, creador de entusiasmo”; de Motta Filho: “Psychologo da raça”; com a poesia a ele dedicada, “Mormaço”, de Guilherme de Almeida; a partitura “Sextetto Mystico”, de Villa Lobos, também a ele dedicada; e o seu retrato, a *crayon*, de Tarsila do Amaral.

As dificuldades financeiras, a diminuição da emoção e da alegria que moveram os primeiros números, a ameaça de cair na rotina pesaram muito. O prazer tornara-se obrigação. Já não animava mais os seus criadores. Ainda que de vida curta, *Klaxon* cumpriu a sua missão: trincheira dos modernistas, na qual, em dado momento, travaram luta pelo poder intelectual e artístico. Nela mostraram o poder de fogo das inteligências aguçadas, lançaram granadas contra o classicismo mofarento, consolidaram idéias básicas, impuseram uma unidade intelectual e artística, despertaram as consciências adormecidas e semearam para as que se seguiram. Enfim, venceram a guerra.

Guido Arturo Palomba
é presidente da Academia
de Medicina de São Paulo
e diretor cultural da Associação
Paulista de Medicina

O brasileiro e a leitura

Helio Begliomini

Quem utiliza os meios de transporte de massa nas grandes capitais ou frequenta as praias pode constatar que sempre há pessoas que estão se entreendendo com algum livro, revista ou jornal. Parece até que o número de leitores vem crescendo nos últimos anos, sobretudo quando se observa o público que tem comparecido às Bienais do Livro de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Entretanto, quando se considera o Brasil com seus mais de 170 milhões de habitantes dispersos no seu vasto território, percebe-se que a média de leitores é muito baixa. Comparando-se com alguns países evoluídos, pode-se citar a Alemanha, que tem uma população de 82 milhões de habitantes, sendo lá impressos 424 milhões de exemplares de livros por ano, o que perfaz uma média anual de 6,3 títulos por pessoa. Na França esta cifra é de 7 e nos Estados Unidos atinge 8,2 livros por habitante/ano. Em contrapartida, aqui no Brasil, tem-se um modesto índice de 2,3.

Em termos populacionais, o Brasil é um grande mercado a ser explorado, uma vez que se encontra tremendamente quiescente e contraído. Falta difundir o gosto e a importân-

cia pela leitura, a identificação dos temas de interesse pelo público-alvo, a disseminação, ampliação, manutenção e acesso facilitado a bibliotecas públicas, e uma maior cobrança de leitura dos estudantes a partir da 5ª série do ensino fundamental. Aqui não se pode esquecer que o analfabeto não é somente aquele que não sabe ler e escrever, mas também aquele que, embora consiga decodificar caracteres vernaculares, apresenta baixíssima compreensão e conhecimento sobre o que leu. Esses são os chamados "analfabetos funcionais". Além disso, faz-se mister que se promovam campanhas com preços mais populares, pois neste país ainda o livro é considerado artigo de luxo, quando não, supérfluo.

Por outro lado, há pessoas cujo acesso à leitura é facilitado, porém, desprezam essa condição com argumentos geralmente injustificáveis. Já, Victor Hugo, escritor francês do século retratado (1802-1885), asseverava que "há pessoas que têm uma biblioteca como um eunuco tem um harém".

A Câmara Brasileira do Livro encomendou em 2002 uma pesquisa sobre "O Retrato da Leitura no Brasil", na qual foi apurado que tão-somente 15% dos brasileiros têm algum contato com livros. Isso reflete diretamente na cultura do povo, pois a leitura é uma das formas mais fáceis e substanciais de proporcioná-la. Um povo que não lê e não reflete sobre o que leu não fomenta e não desenvolve uma consciência

*"Quanto maior for o nosso conhecimento,
maior será a consciência
da nossa ignorância"*

(Irany Novah Moraes,
cirurgião vascular)

crítica de si mesmo e de sua multifária relação social, estando vulnerável a influenciadores de opinião de todo jaez.

É lastimável que neste país, em vez de se desenvolver o hábito da boa leitura, se incentive a contracultura que campeia na maior parte da precária programação televisiva. Segundo Thomas Mann, consagrado escritor alemão, "uma casa sem livros é uma casa sem janelas".

Assim como todo surdo de nascença torna-se mudo, uma vez que não aprende a vocalizar os sons em virtude de sua congênita incapacidade de decodificá-los pelos seus ouvidos, num plano mais superior, pode-se parafrasear e asseverar que não há bons escritores se esses não forem assíduos leitores.

O hábito da boa leitura requer, acima de tudo, uma campanha educacional continuada por parte do governo, das escolas, dos meios de comunicação de massa, das instituições culturais e das empresas comerciais afins.

Helio Begliomini

é membro da Academia de Medicina de São Paulo, da Academia Cristã de Letras, da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES-SP) e da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES).



Os primeiros médicos sírio-libaneses em São Paulo

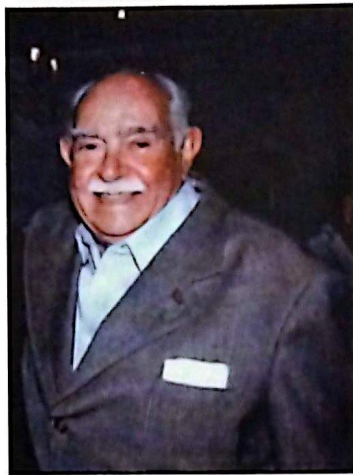
Jorge Michalany

Até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) todo o Oriente Médio, compreendendo Síria, Líbano, Palestina, Jordânia, Iraque e Arábia, era dominado pelo império Otomano, ou seja, pela Turquia. Desse modo, Síria e Líbano constituíam uma só província daquele império. Daí o fato de os imigrantes desses países serem chamados de turcos porque eram súditos da Turquia. Pelo Tratado de Versailes o domínio turco mudou de dono, cabendo à Inglaterra a Palestina e o Iraque, e à França a Síria e o Líbano. A independência desses países só ocorreu depois de terminada a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Fato importante para a educação dos sírio-libaneses e formação de intelectuais nos moldes ocidentais foi o Syrian Protestant College, fundado em Beirute em 1866 por missionários presbiterianos norte-americanos, cujo nome perdurou até a Primeira Guerra Mundial, para depois chamar-se American University of Beirut ou Beyrouth. Essa universidade tornou-se famosa por seus cursos de medicina, ciências e letras dados em inglês, cujos diplomas eram válidos tanto no Império Otomano como nos Estados Unidos.

Daí o fato de muitos médicos sírio-libaneses terem se estabelecido naquele país. Além da educação, o Syrian Protestant College influenciou na religião, porque vários cristãos sírio-libaneses que professavam os cultos grego-ortodoxo ou maronita converteram-se ao protestantismo, o caso da Família Michalany.

Talvez devido à visita de Dom Pedro II ao Líbano em 1858, os sírio-libaneses se sentiram atraídos pelo Brasil. Assim, em fins do século XIX, embarca a primeira leva de libaneses, procedentes de Zahle, cidadezinha perto



Jorge Michalany

de Beirute, que chega ao Rio de Janeiro a 27 de setembro de 1887. Essa leva era constituída principalmente por comerciantes, já que traziam no sangue a notória tendência comercial dos fenícios, seus ancestrais.

A seguir, personalidades universitárias sentiram-se atraídas também pelo Brasil, sobretudo por São Paulo. E assim, jovens médicos de origem sírio-libanesa passaram a exercer a profissão em nossa cidade, dos quais, os primeiros que conheci pessoalmente, foram os seguintes.

Said Abu-Jamra (1871-1954)

Nacido em Kfeir, Líbano, formou-se em letras pelo Syrian Protestant College, estudou medicina nos Estados Unidos onde se graduou em 1899, imigrando para o Brasil no mesmo ano. Fixou-se em São Paulo e tornou-se o primeiro médico de origem árabe a clinicar no Brasil. Praticou a medicina geral e fundou em 1903 o jornal *Al-Afkar* (O Pensamento) para lutar pela emancipação do povo árabe contra o colonialismo turco e depois anglo-francês.

O perseverante trabalho com o jornal *Al-Afkar* forçou o Doutor Said a

diminuir sua atividade profissional de médico. Em compensação, distinguiu-se como respeitado jornalista, tornando-se membro da Associação Paulista de Imprensa. Em 1938 recebeu dessa Associação o Diploma de Mérito, tanto pela publicação do seu jornal *Al-Afkar* como pela colaboração nos periódicos de São Paulo, especialmente o *Correio Paulistano*.

Um de seus filhos, Michel Abu-Jamra foi notável hematologista e professor da Universidade de São Paulo.

Nagib Faris Michalany (1884-1946)

Trata-se de meu pai. Nascido em Beirute, Líbano, graduou-se muito jovem em 1905 pelo Syrian Protestant College. Além de ter se revelado uns dos melhores alunos, era excelente esportista. Desejando aperfeiçoar-se em cirurgia, seguiu para Londres, onde passou três anos no St. Bartholomew Hospital. Voltou em 1908 ao Líbano, sendo logo depois nomeado inspetor sanitário do governo anglo-egípcio em Kartum, Sudan. Vivendo no apogeu do Império Britânico, conheceu pessoalmente o jovem Winston Churchill. Imigrou para o Brasil em 1911, fixou-se em São Paulo e revalidou seu diploma de médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em seguida, montou seu consultório na Rua Florêncio de Abreu e passou a operar no Sanatório Santa Catarina. Nesse hospital tornou-se assistente do famoso cirurgião austríaco Walter Seng.

Cirurgião ambidestro, introduziu em São Paulo as técnicas cirúrgicas da escola anglo-americana. Dotado de elevada cultura humanística, falava o árabe clássico, inglês e português sem sotaque. Casou-se em 1915 com a italo-brasileira Victoria La Torraca, com

a qual teve três filhos: Jorge, patologista e professor da Escola Paulista de Medicina, Sylvio, contabilista, e Douglas, advogado e historiador. Em 1935 recebeu o título declaratório de cidadão brasileiro.

Negib Khalil Scaff (1877-1955)

Natural de Zahle, Líbano, cursou a Université Saint Joseph de Beyrouth, graduou-se em medicina e recebeu seu diploma de médico em Paris, França. Imigrou para o Brasil em 1919 e revalidou seu diploma em 1921 pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Embora se dedicasse à clínica geral particular, trabalhou também na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde se tornou amigo do diretor clínico, Doutor Arnaldo Vieira de Carvalho. Fascinado pela radiologia – especialidade com que se familiarizara anteriormente em Paris, como assistente da Clínica Médica do Professor Marcel Labbé, Scaff montou o primeiro consultório particular de radiologia em

São Paulo, sendo, portanto, considerado um dos grandes incentivadores da especialidade em nosso meio. Além da medicina, Scaff possuía ampla cultura humanística e era poliglota. Além do árabe, dominava o francês, inglês, alemão, espanhol, aramaico, hebraico, latim e grego. Teve a felicidade de recepcionar na Faculdade de Medicina de São Paulo a emérita cientista Marie Curie, por ocasião da sua visita ao Brasil. Seu sobrinho e sucessor do consultório radiológico, Feres Scaff, foi professor da Escola Paulista de Medicina.

Chucri Zaidan (1891-1980)

Não era libanês, pois nascera em Damasco, Síria, mas estudou medicina no Syrian Protestant College, em Beirute, Líbano. Ao eclodir a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e pelo fato de a Síria estar sob o domínio do Império Otomano, foi convocado, ainda estudante, pelo exército turco como oficial médico e enviado ao campo de batalha. Caindo prisioneiro dos ingleses,

passou a exercer a medicina no exército anglo-egípcio, no qual permaneceu até 1920. Voltou depois para Damasco e recebeu o diploma de médico pela agora American University of Beirut, ali permanecendo até 1925. Nesse ano, imigrou para o Brasil, fixando residência em São Paulo onde já se encontravam seus irmãos. Em 1927, após inúmeras provas, conseguiu revalidar seu diploma de médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Além da medicina, possuía a capacidade de aprender idiomas, pois falava 13 línguas. Ademais, era um homem extremamente caridoso, sendo alcunhado de “o médico dos pobres”. Em 1931 foi-lhe concedida a naturalização brasileira e em 1966 recebia da Câmara Municipal de São Paulo o título de “Cidadão Paulistano”. Um de seus sobrinhos, Jorge Zaidan, foi experiente cirurgião paulista.

Jorge Michalany

é curador do Museu da Associação Paulista de Medicina

José Celestino Bourroul, o invencível

Guido Arturo Palomba

O imortal médico santo leigo Celestino Bourroul, no dia 5 de março de 2004, recebeu o seu ilustre filho, José Celestino Bourroul, nos portões da Academia dos verdadeiros Imortais. Ao lado, para adentrarem, outro médico imortal, aquele que, no leito de passagem, o declarou um de seus quatro irmãos, Duílio Crispim Farina.

Tombou um roble, imbatível na Terra, absolutamente próprio, a chamar a atenção pela postura de perpétua fidelidade. Impecável, jamais errava. Sua amabilidade vencia, fosse qual fosse a situação. Sabia prestigiar a todos, por escrito, com as mais bonitas palavras, ou com sua carismática presença, nos eventos de seus inúmeros amigos, aos quais comparecia com assiduidade.

Católico, fazia o bem e era feliz, vivia envolto em signos e símbolos de caridade e de religiosidade, foi um dos maiores colecionadores brasileiros de arte sacra, homem de fé. Bom coração, nimbado de larga virtude cristã, embora en-

genheiro, um santo engenheiro, será lembrado também como um dos grandes da Medicina.

Amou a quadricentenária Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. A ela dedicou-se profundamente e em seu seio deu o último suspiro. Foi seu fiel mordomo e protegeu, como seu pai, o santo leigo Celestino Bourroul, os desvalidos e os necessitados, princípio básico que dava movimento a todas as suas ações.

Mestre plural da cultura, quando subia à tribuna suas palavras prendiam o ouvinte pela forma pura, muito bem cuidada, e pelo conteúdo inteligente, perspicaz, adequado.

Amigo de todos, querido por todos. Assim fará falta aos vivos, para a glória dos que se foram e agora o têm em companhia.

Guido Arturo Palomba

é irmão em Duílio de José Celestino Bourroul, juntamente com Paulo José da Costa Júnior e Paulo Bomfim

Residência médica do Hospital Jaraguá

Marisa Campos Moraes Amato

Saudações a todos os presentes. Minha mensagem será breve para não privar os formandos do melhor da festa, que virá logo a seguir.

O caríssimo amigo Guido Arturo Palomba, Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina, convidou-me a dizer algumas palavras porque eu sou o maior elo entre essas duas entidades.

Faço parte integrante da Diretoria Cultural da Associação Paulista de Medicina desde 1999, a convite do Doutor Guido Arturo Palomba e tenho, portanto, acompanhado de perto sua atuação, desenvolvendo esse departamento por meio da criação do museu em 2002, ativando a pinacoteca, ricamente montada com peças de grande valor histórico e doações de quadros de artistas célebres, além de promover encontros musicais e muitas outras atividades. É com muito orgulho que faço parte de sua Diretoria.

Esta acolhida, no salão nobre da Associação Paulista de Medicina, mostra sua visão ampla da cultura médica e a valorização que ele dá ao jovem. A ele, nossos agradecimentos. Não poderia deixar de mencionar a gestão do presidente, Doutor José Luiz Gomes do Amaral, com visão holística do papel do médico na comunidade, dirigindo esta casa, a ele, nossos agradecimentos.

Recentemente a *Folha de S.Paulo* publicou o artigo intitulado "O futuro da educação está nos hospitais". Nesse artigo, o jornalista Gilberto Dimenstein enaltecia o serviço do Hospital Sírio-Libanês, destinado a pesquisas e cursos médicos, e fazia referência aos do Hospital Albert Einstein e Beneficência Portuguesa. Dizia o autor que a Escola está morrendo e que o ensino deve ser feito à beira do leito, na prática médica diá-

ria. Pois essa é uma realidade que já enxergávamos há 30 anos, quando o Professor Joamel Bruno de Mello criou, no Hospital Jaraguá, a Residência Médica. Nessa época ainda não havia a Comissão Nacional de Residência Médica e, quando esta foi criada, utilizou a nossa residência como paradigma a ser seguido.

Há 10 anos o Professor Irany Novah Moraes conseguiu a condição de excepcionalidade, por ser um hospital não vinculado à Universidade, que o MEC oficializasse o Programa de Pós-graduação em Medicina. Hoje, damos continuidade aos programas já existentes e criamos outros, sempre com a visão de que é na prática do dia-a-dia que o jovem médico tem a melhor oportunidade de aprender.

Este ano, comprovando a vocação acadêmica dessa equipe, o Doutor Márcio Rocha, sob a orientação do Professor Doutor Salvador José de Toledo Arruda Amato, recebeu, da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular, o Prêmio Cid dos Santos, com o trabalho intitulado "Receptores de estrógeno e progesterona em veia safena interna".

O próximo passo, ainda para 2004, numa grande ebulição de idéias, é disponibilizar aos residentes, pela internet, cursos teóricos para complementação e atualização de tudo que foi estudado na graduação.

Se, por um lado, eu represento o Departamento Cultural da Associação Paulista de Medicina, por outro, do Hospital Jaraguá, minha história é bem mais longa. Aí fiz Residência em Clínica Médica e depois percorri uma longa jornada. Em seguida fiz o Curso de Especialização em Cardiologia do Pro-

fessor Luiz Veneré Decourt, no então recém-criado Instituto do Coração – InCor. Terminado o curso, fui convidada a integrar a equipe médica desse hospital. Nesse mesmo período realizei o mestrado sob a orientação do Professor Oswaldo Ubríaco Lopes, em Fisiologia Cardíaca, a seguir o doutorado na área de Concentração de Cardiologia, sob a orientação do Professor Paulo Jorge Moffa e, finalmente, completei minha carreira universitária com o Concurso de Livre-docente na área de Cardiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Não poderia deixar de mencionar o nome do Professor José Antonio Franchini Ramires, com quem mantenho um elo científico por meio de publicações no exterior. Depois voltei ao Hospital Jaraguá como Supervisora do Programa de Clínica Médica.

Preciso ressaltar aqui que a Residência de Clínica Médica tem dois pilares, os Doutores Marcos Galan Morillo e Ronaldo Faccioli, pois, além de ser altamente competentes, são devotos ao ensino e servem de paradigma para os jovens médicos. Não há residente que tenha passado conosco e não os tenha como exemplo. A eles, o nosso agradecimento.

Aos jovens que hoje concluem o Programa de Residência Médica do Hospital Jaraguá, esperamos ter mostrado o caminho para o futuro. Nossos votos de êxito profissional e felicidade pessoal, e, aos presentes, nossas homenagens!

Marisa Campos Moraes Amato
é Livre-docente de Cardiologia,
coordenadora de Residência Médica
do Hospital Jaraguá

A escrita e a memória humana

Roberto Godoy



Com o grande salto cultural dado pelos gregos no período clássico, a escrita tornou-se o principal instrumento na transmissão do saber e, paralelamente, um instrumento de poder político.

O ser humano desenvolveu a capacidade de transmitir conhecimento a seus semelhantes. Talvez tenha sido essa capacidade que permitiu sua sobrevivência como espécie e, certamente, foi ela que lhe deu a supremacia na escala evolutiva.

Nos primórdios da civilização bastou que esse conhecimento fosse transmitido por uma linguagem que misturava sons e gestos. Como isso era transmitido de geração a geração e como quem conta um conto aumenta um ponto, criaram-se histórias fantásticas. Surgiram lendas das quais até hoje temos notícia.

Durante a era do gelo a humanidade sobreviveu graças à caça de grandes animais, mas ela terminou. O ambiente mudou radicalmente e o ser humano foi obrigado a encontrar outras fontes de alimentação. Daí surgiu a agricultura e, com ela, a sedentarização, a organização social em cidades e o acúmulo de riquezas.

A humanidade percebeu que não havia mais como confiar somente na memória e, por volta do ano 3100 a.C., surgiu a escrita. No princípio, era um simples rol de riquezas estocadas em armazéns, mas logo o homem começou a usá-la com finalidade religiosa, cultural e comercial.

No entanto, a escrita não foi aceita por todos. Platão, por meio de Sócrates em seu diálogo com Fedro, nos traz ao conhecimento uma lenda egípcia. Thot, deus a quem era consagrada a ave íbis, inventou os números e o cálculo, a geometria e a astronomia, o jogo de damas e os dados, e a escrita. Durante o reinado de Tamuz, o deus ofereceu-lhe suas invenções, dizendo-lhe para ensiná-las a todos os egípcios. Mas Tamuz quis saber de suas utilidades e, enquanto o deus explicava, o faraó censurava ou elogiava, conforme essas artes lhe parecessem boas ou más. Quando chegaram à escrita, Thot disse que aquela arte tornaria os egípcios mais sábios e lhes fortaleceria a memória. No entanto, Tamuz respondeu-lhe que a escrita tornaria os homens esquecidos, pois deixariam de cultivar a memória. Ao confiar apenas nos livros, só se lembrariam de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Os homens tornar-se-iam sábios imaginários.

Nesse mesmo diálogo, Sócrates considera a escrita como algo que limita o pensamento, que engessa as idéias. Um discurso escrito, dizia ele, será sempre o mesmo, repetido inúmeras vezes sem que se lhe possa agregar novas idéias.

Ironicamente, se hoje sabemos muito da filosofia de Sócrates é porque Platão a escreveu.

Analisando a questão diante de nossos poucos conhecimentos sobre a memória humana, podemos, no entanto, afirmar que escrever é uma forma salutar de ampliar nosso banco de dados. Salutar porque é preciso esquecer para poder lembrar. Explicando, nossa memória não pode guardar absolutamente todas as informações que lhe chegam, sob risco de bloqueio. É armazenando somente o que interessa e associando convenientemente os dados estocados que a memória pode ser evocada.

De qualquer forma, a escrita está aí, imutável ao longo do tempo (a não ser, claro, em algumas dessas péssimas traduções com que por vezes nos deparamos), pronta para ser consultada quando precisamos e, sobretudo, liberando o cérebro humano para a associação dos conhecimentos armazenados e a criação de novas idéias.

A título de ilustração, sabe-se que, com treinamento intenso e adequado, uma pessoa pode reter uma seqüência de 50, 100 algarismos. No entanto, com papel e lápis qualquer um terá a mesma seqüência guardada, com um mínimo de esforço.

Finalizando, não podemos nos esquecer do que dizia Confúcio... Bem, ele dizia... O que mesmo ele dizia?... Acho que me esqueci, teria sido melhor ter escrito.

Roberto Godoy

é ex-presidente do Conselho
Nacional de Medicina



Academia de Medicina, 109 anos

A Associação Paulista de Medicina presta homenagem aos 109 anos da Academia de Medicina de São Paulo, publicando a lista de seus presidentes, desde a fundação, aos 7 de março de 1895

1895-1896 – Luiz Pereira Barreto
 1896-1897 – Carlos Botelho
 1897-1898 – Miranda Azevedo
 1898-1899 – Mathias Valadão
 1899-1900 – Guilherme Ellis
 1900-1901 – Bernardo de Magalhães
 1901-1902 – Arnaldo Vieira de Carvalho
 1902-1903 – Sérgio Paiva Meira
 1903-1904 – Arthur Mendonça
 1904-1905 – Diogo de Faria
 1905-1906 – Rubião Meira
 1905-1906 – A. R. Oliveira Fausto
 1906-1907 – Arnaldo Vieira de Carvalho
 1907-1908 – J. Alves de Lima
 1908-1909 – Sylvio Maia
 1909-1910 – Sérgio Meira
 1910-1911 – Synesio Rangel Pestana
 1911-1912 – Rubião Meira
 1912-1913 – Nicolau Moraes Barros
 1913-1914 – J. Alves de Lima
 1914-1915 – Jose Olegário de Almeida Moura
 1915-1916 – Antonio Cândido de Camargo
 1916-1917 – A. R. Oliveira Fausto
 1917-1918 – Celestino Bourroul
 1918-1919 – Ovídio Pires de Campos
 1919-1920 – J. Ayres Netto
 1920-1921 – Luis de Rezende Puech
 1921-1922 – Enjolras Vampré
 1922-1923 – Adolpho Lindenberg
 1923-1924 – Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra
 1924-1925 – Américo Brasiliense
 1925-1926 – Eduardo Rodrigues Alves
 1926-1927 – Olympio Portugal
 1927-1928 – Jose Pereira Gomes
 1928-1929 – Cantídio de Moura Campos
 1929-1930 – Schmidt Sarmentó
 1930-1931 – Antonio de Almeida Prado
 1931-1932 – Oswaldo Portugal
 1932-1933 – Zepherino do Amaral
 1933-1934 – A. C. Pacheco e Silva
 1934-1935 – J. Ayres Netto
 1935-1936 – Ovídio Pires de Campos
 1936-1937 – Mário Ottoni de Rezende
 1937-1938 – Flaminio Fávero
 1938-1939 – Celestino Bourroul
 1939-1940 – Jairo de Almeida Ramos

1940-1941 – Raul Vieira de Carvalho
 1941-1942 – Franklin de Moura Campos
 1942-1943 – J. A. Mesquita Sampaio
 1943-1944 – Roberto Oliva
 1944-1945 – Antonio Carlos Gama Rodrigues
 1945-1946 – Eduardo Monteiro
 1946-1947 – Oscar Cintra Godinho
 1947-1948 – Alípio Corrêa Netto
 1948-1949 – Pedro Ayres Netto
 1949-1950 – João Alves Meira
 1950-1951 – Jose Pereira Gomes
 1951-1952 – Carmen Escobar Pires
 1952-1953 – Benedicto Montenegro
 1953-1954 – Felício Cintra do Prado
 1954-1955 – Eurico Branco Ribeiro
 1955-1956 – Paulo de Almeida Toledo
 1956-1957 – Oscar Monteiro de Barros
 1957-1958 – Mário Ramos de Oliveira
 1958-1959 – João Mendonça Cortez
 1959-1960 – Eurico da Silva Bastos
 1960-1961 – Adherbal Tolosa
 1961-1962 – Nairo França Trench
 1962-1963 – Carlos da Silva Lacaz
 1963-1964 – Plínio Bove
 1964-1965 – Carlos de Oliveira Bastos
 1965-1966 – Waldyr da Silva Prado
 1966-1967 – Durval Rosa Borges
 1967-1968 – Virgílio Carvalho Pinto
 1969-1970 – Michel Abu-Jamra
 1971-1972 – Ernesto Lima Gonçalves
 1973-1974 – Julio Kieffer
 1975-1976 – Joamel Bruno de Mello
 1977-1978 – Antonio Spina França Netto
 1979-1980 – Pedro Nahas
 1981-1982 – Luís Marques de Assis
 1983-1984 – Irary Novah Moraes
 1985-1986 – Odon Ramos Maranhão
 1987-1988 – Arthur B. Garrido Jr.
 1989-1990 – Fernando Proença Gouveia
 1991-1992 – José Rodrigues Louzã
 1993-1994 – Raul Marino Jr.
 1995-1996 – Cláudio Cohen
 1997-1998 – Marisa Campos Moraes Amato
 1999-2000 – Luiz Celso Mattosinho França
 2001-2002 – Salvador José de T. Arruda Amato
 2003-2004 – Guido Arturo Palomba

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira